

Diversão & Arte

MARISA MONTE TRAZ GENTILEZA E ESPERANÇA

Após um hiato de 10 anos, a cantora e compositora está de volta com álbum corajoso, otimista e cheio de parcerias novas e antigas

» IRLAM ROCHA LIMA

Mesmo sendo criteriosa em relação ao lançamento de discos, Marisa Monte mantém-se em constante atividade como compositora, criando músicas — quase sempre com parceiros — tanto para trabalhos solo quanto para o coletivo Tribalistas, integrado por ela, Carlinhos Brown e Arnaldo Antunes. Ao decidir gravar um novo álbum, Marisa tinha um acervo pronto, do qual selecionou nada menos que 16 canções para o *Portas*, o primeiro trabalho inédito depois de 10 anos. O último disco, *O que você quer saber de verdade*, foi lançado em 2011.

Lançado pela Sony Music e disponível nas plataformas digitais, o álbum reafirma o gosto da cantora pelas parcerias e companheiros de ofício. Os problemas decorrentes da pandemia foram determinantes para que algumas músicas precisassem ser gravadas remotamente, de diferentes partes do planeta. Esse exercício levou a cantora a, novamente, conviver com o espírito colaborativo que sempre norteou suas produções.

Em *Portas*, ela tem ao seu lado velhos amigos como coautores de algumas faixas: Arnaldo Antunes e Dadi Carvalho na faixa título e em *A língua dos animais*; Nando Reis em *Praia vermelha*; e Seu Jorge em *Pra melhorar*. Mas a presença maior é de novos parceiros.

Chico Brown é o de maior destaque. O jovem compositor e multi-instrumentista, filho de Carlinhos Brown e neto de Chico Buarque, assina com Marisa cinco canções, entre as quais *Calma* (o primeiro single), *Déjà vu* e *Em qualquer Tom* — uma clara homenagem a Tom Jobim.

Marisa Monte abriu espaço também para novos parceiros. Marcelo Camelo é coautor de *Sal e Você não liga*, além de ter composto sozinho *Espaçonave*. Com o capixaba Silva, ela fez *Totalmente seu*. O amor que ela tem pela Portela é cantado no samba *Elegante amanhecer*, em que dividiu a criação com Pretinho da Serrinha, músico de sua banda. Mixado no Rio de Janeiro e em Los Angeles, o disco foi masterizado em Nova York.

Um álbum visual produzido pela artista plástica Marcela Can-



Em *Portas*, Marisa Monte faz disco com suingue e fé no futuro

Leo Aversa/Divulgação

PORTAS

Álbum de Marisa Monte com 16 faixas, disponível nas plataformas digitais. Lançamento da Sony Music.



tuária faz parte do projeto *Portas*. “Marcela Cantuária é uma das artistas que eu seguia há cerca de dois anos. Suas pinturas foram as janelas que eu mantinha abertas para o mundo durante o isolamento. Seu universo cheio de mistérios, fantasias, oratórios, feminismos, cores e imagens me encantou e seduziu”, ressalta Marisa Monte, em entrevista exclusiva para o Correio Braziliense.

ENTREVISTA// MARISA MONTE

Quantas das canções deste disco já estavam compostas em maio de 2020, quando pretendia gravar o álbum? O adiamento lhe permitiu incluir outras que, na sua visão, deram maior abrangência à proposta do projeto?

Sim, aproveitei o tempo extra

a favor e fiz mais três canções, *Vagalumes*, *Sal* e *Você não liga*, e ainda chegou *Espaçonave*, só do Camelo, mas a grande maioria já estava pronta esperando a oportunidade de ser gravada.

Velhos amigos e parceiros voltam a marcar presença em *Portas*. Trabalhar com Nando Reis, Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown (agora como músico), Dadi Carvalho e Pedro Baby deve ser visto como algo familiar?

Adoro trabalhar junto, promover a troca e a soma. Manter e expandir minhas parcerias, como compositora, além do campo da música em artes visuais ou no audiovisual, é sempre um objetivo para mim.

Chico Brown é seu parceiro em cinco músicas. Ele chegou até

o você trazido por Carlinhos ou já conhecia o talento desse jovem compositor?

Conheço o Chico desde que nasceu, é um encanto da vida poder estar viva para ver ele se tornar meu parceiro. Ele é um assombro, grande músico, compositor multi-instrumentista que acrescentou frescor e destemor aos arranjos.

Você tomou conhecimento do cantor e compositor capixaba Silva quando ele gravou um disco totalmente montesano ou já o tinha ouvido anteriormente?

Eu já acompanhava o trabalho dele e o fato de ter feito um álbum dedicado ao meu cânone nos aproximou, nossas afinidades fizeram com que a gente se tornasse parceiro de uma forma muito natural.

As gravações remotas foram responsáveis pelas maiores dificuldades na produção do álbum?

Minha ideia inicial, que era viajar e formar uma segunda banda, em Nova York, ficou impossível. Achamos que valia a pena experimentar uma gravação remota. Com coprodução do Arto Lindsay, que trouxe a sua banda, arriscamos gravar duas músicas, *Calma* e *Portas*. Eles num estúdio na Rua 37 e nós no Rio, via zoom. Para nossa surpresa, deu muito certo, o que nos abriu um novo universo de possibilidades e nos deu confiança de seguir com gravações remotas em outras cidades e com outras formações também.

Desde o início da carreira, você sempre gostou de ter contato com o público, em shows memoráveis. Que perspectiva tem para percorrer o país com uma nova turnê?

Não temos uma data certa para voltar aos palcos. Ainda está difícil fazer planos. Dependemos da vacina e da maioria da população imunizada. Talvez no final do ano, se tudo der certo, em 2022, a gente vai ter a alegria de se encontrar de novo. Comecei minha vida na música com 19 anos e nunca fiquei tanto tempo sem cantar ao vivo e sem encontrar o meu público. Estou sentindo muita falta, não vejo a hora de poder cantar junto das pessoas.

» CRÍTICA

Fé no que virá

» PAULO PESTANA

Gentileza em tempos brutos, uma vela acesa para iluminar a escuridão, Marisa Monte dribla a madrugada e pensa no futuro com seu primeiro disco solo em 10 anos. Portas é uma caudalosa declaração de confiança criada a partir de 16 canções que recuperam a esperança a partir da leveza e de uma visão otimista, embora sem pieguice ou ufanismo, do que virá.

É uma pregação de coragem a partir de letras afirmativas — algumas, curiosamente, a partir de negações. “Eu não tenho medo do escuro”, canta ela em *Calma*; “não tenho medo do amanhã”, diz em *Medo do perigo*; “lá vem o sol para derreter as nuvens negras”, canta em *Pra melhorar* (com *Flor e Seu Jorge*).

As melodias são solares, abertas, construídas quase que inteiramente sobre acordes naturais, sem firulas, atalhos, sétimas ou nonas. É uma falsa simplicidade que levanta o astral, facilita inteiração e provoca uma reação imediata e positiva do ouvinte.

Os arranjos não economizam cordas que suavizam e metais que incendeiam, num trabalho cuidadoso. A faixa que abre e batiza o disco, *Portas*, vem com uma estrutura ascendente de inspiração beatle e instrumentação de combo restrito, mas que preenche inteiramente os espaços.

Mas não há limitações. Em *Déjà vu*, as cordas criam uma estrutura paralela à melodia principal, como se fosse uma proteção, um contraforte, enquanto em *Calma* é ressaltado o aspecto mais suingado com frases curtas e provocantes dos metais, em contraste com estruturas mais longas e preguiçosas das cordas.

Um samba no meio do caminho — *Elegante amanhecer*, parceria com Pretinho da Serrinha — pode até provocar uma estranheza inicial, mas é mais interessante que fique entre baladas e até uma valsinha (Em qualquer Tom) do que entrar como penetra no final.

Marisa Monte coloca a voz com docilidade e firmeza, evitando vibratos e a facilidade dos melismas, o que valoriza as letras muito bem colocadas e com boas sacadas nas parcerias como *Sal*, com Marcelo Camelo, *Portas* (Dadi e Arnaldo Antunes) ou *Calma* (Chico Brown).

Portas é um álbum na acepção original do termo, como um agrupamento de canções que se integram organicamente, mas funciona muito bem também como uma coletânea de boas canções. Faz tempo que não se tinha à disposição um disco que merece ser ouvido muitas vezes, mesmo repetidamente.

É um disco para recuperar a nossa fé na música brasileira de qualidade.

GURULINO

GURULINO
Humor contemplativo & espirituoso
por Pedro Sangeon

NA DÚVIDA, EU FAÇO:



@gurulino